

Texto do vídeo 2584M

“A alma não é pequena nem grande” ¹

Chiara Lubich sobre Gen 4 e Gen 5 – orientações para a formação

(seleção de trechos de escritos e palestras: 1955-2007 – Primeira parte)

“As crianças... são as que melhor interpretaram o meu Ideal”

Speaker (voz masculina): Chiara Lubich era professora, mas o amor e a atenção que tinha para com os pequenos não brotavam só disso: vinham daquela luz, o Ideal, o Carisma da Unidade, com a qual ela olhava cada realidade de uma maneira nova. “Adoro estar entre as crianças – dizia – porque elas são as que melhor interpretaram o meu Ideal”. Deixemo-nos conduzir pelo seu olhar.

19.10.1955 – carta a um religioso ²

Voz feminina³ : [...] (...) O senhor agora está circundado por crianças. Ah, padre, se o senhor soubesse o valor delas! Antes eu acreditava que agradassem a Jesus porque eram inocentes. A realidade é que, sendo menos afetadas pelo mal do que os adultos, elas têm menos a ser purificado, e se conseguimos convertê-las a Deus elas recebem os dons do Espírito Santo com muito mais facilidade do que os grandes e em pouco tempo adquirem a Sabedoria, que é... o Ideal.

¹ Seleção de trechos de Chiara Lubich - de escritos e conversas - sobre as crianças, Gen 4-Gen 5 (1955-2007) organizada pelos Centros Gen 4 - edição 2021. É um trabalho que, embora não tendo o rigor científico de um texto de estudo, quer oferecer a todos os educadores os elementos centrais que caracterizam a novidade da abordagem pedagógica de Chiara. Estas "fontes" devem ser enriquecidas com textos de acompanhamento que podem ajudar na sua compreensão e atualização. Quando não há indicação de publicação, os trechos são inéditos, no Arquivo Geral do Movimento dos Focolares (AGMF), Arquivo Chiara Lubich (ACL) ou no Arquivo dos Centros Gen 4.

² C.Lubich, Carta a um religioso que tinha sido transferido para um Seminário Menor (Trecho, 19.10.1955, cit. in: AAVV, *Amatevi come lo ho amato voi*, CNx, Roma 2012 p.19

³ Nesta seleção, a voz feminina relata as palavras de Chiara que não puderam ser ouvidas diretamente de sua voz, seja por serem textos escritos ou por serem áudios de baixa qualidade, gravados em encontros informais.

Padre, se nós realmente olharmos para a glória de Deus e para a possibilidade de obtê-la para Ele o máximo possível, devemos tentar espalhar o Ideal entre os pequenos, porque ali o nosso trabalho produz mais.

Olhe ao redor, padre, para as suas cento e cinquenta crianças e as veja como uma mina preciosa da qual extrair muita glória para Deus; e não as considere apenas crianças, mas almas como a nossa, melhores do que a nossa. E quando sentir o impulso interior, fale para elas sobre o nosso Ideal. Verá como será entendido! Eu sempre digo que adoro estar entre as crianças porque elas são as que melhor interpretaram o meu Ideal. (...)

Loppiano (Itália), 19.8.1966 - às Focolarinas⁴

Chiara: [...] Este é o ano das crianças e dos adolescentes. Os sinais disso são muitos: antes de tudo o fato de que foram recebidas em audiência pelo Papa. Pela primeira vez chegou uma carta na qual estava escrito: «Para as crianças do Movimento dos Focolares». E vocês não imaginam a reação delas ao saber da audiência com o Papa. Foi idêntica à dos adultos. Era impressionante ver como reagiam. Quando souberam que tinha chegado esta mensagem, elas aplaudiram. Sentem a importância do Papa exatamente como os adultos.

Compreendi que a alma não é pequena nem grande, mas é sempre a alma. [...]

Outra coisa: as pesquisas feitas pelo nosso Noticiário com os pais e os educadores indicam a crise terrível da juventude. Eles não sabem como lidar com os jovens. Pelas coisas vistas raramente na televisão, ficamos assustados com as respostas que os jovens dão, por exemplo, ao problema da religião. Para eles a religião não existe ou é algo a ser colocado de lado. Coisas realmente de arrepiar.

[...] Portanto, precisamos de uma estrutura forte, formidável, de crianças e adolescentes bons, que, aproximando-se dos outros, fazem com que sejam bons. É sempre assim: com as crianças conquistamos outras crianças; com os jovens, outros jovens.

Vendo tudo isso, creio que Jesus no nosso meio diga com força – e é o que repito com a autoridade de fundadora – a todas nós e a cada uma: “deixem que as crianças venham a mim!”⁵ (aplausos)

Como se Ele nos dissesse: o Ideal não é monopólio dos adultos, não olhem para as crianças de cima para baixo. O Reino de Deus também é para elas. Talvez seja mais para elas do que para vocês.

⁴ C. Lubich, discurso às focolarinas: *Várias realidades sobre a Obra. Trechos sobre as crianças, os adolescentes e jovens*, Loppiano, 19.8.1966.

⁵ Cf. Mt 19,14

Portanto, nós devemos mudar o nosso modo de conceber as coisas e pensar em como atuar, durante este ano, essa nova realidade que Deus nos pede.

Observando os sinais do Movimento, percebo que esta é a hora das crianças e dos jovens. Segundo eu, a situação é assim: o Movimento, como o grão de trigo, morreu, depois ressuscitou e se multiplicou. Estamos numa boa fase do Movimento, na qual ele vem em evidência e se apresenta não como uma obra humana, mas como uma obra divina. Tem algo no Movimento, para quem o observa sem prevenções, de sobre-humano, isto é, que vai além da natureza humana, algo divino, porque é uma obra de Deus. Tanto que dizem: dá para compreender que é obra de Deus, porque nenhuma pessoa humana, por mais inteligente que seja, poderia ter feito algo assim, seja pela difusão, seja pelo modo como foi constituído, por mil razões.

Isto é, quando Deus permite que uma determinada coisa venha à luz, e é Dele, deve se mostrar bela, divina, encantadora, eu diria, para quem sabe perceber e comunicar.

As crianças não são feitas para as coisas normais desse mundo [...]. As crianças, especialmente as menores, são feitas para as fábulas, para as fadas, para algo que supera a vida do dia a dia, a vida cotidiana humana, algo que vai além do nosso modo de conceber a vida. Algo belo, mas muito mais do que normalmente se entende por belo. Enfim, algo milagroso.

O nosso Movimento, atualmente, apresenta elementos capazes de fascinar de modo completo, de tocar perfeitamente a alma das crianças.

[...] No nosso Movimento, que se apresenta como obra de Deus, e não como obra humana, há algo que encanta e que parece aventuroso. Pois bem, sobretudo a juventude quer a aventura, quer conquistar o mundo.

[...] Mas se trata de saber compreendê-lo, e podemos fazer isso no Movimento se amarmos as crianças que temos à nossa frente.... Possuímos aqueles elementos que podem tocar as crianças dos 4 anos para cima e para baixo, basta que compreendam alguma coisa, e os adolescentes dos 14 anos para cima. Trata-se de saber comunicar esses elementos.

Eu dizia que o Movimento chegou a este ponto. O que devemos fazer então, dado que temos tais elementos? Repito: se vê claramente que Jesus no meio, com essas qualidades que ele apresenta na sua Obra, diz que as crianças devem estar presentes. Nós devemos saber como lhes transmitir essas coisas. [...]

“Uma inspiração do Espírito Santo...hoje nasceram os Gen 4!”

Loppiano (Itália), 29.3.1972 – aos habitantes da Mariápolis permanente ⁶

Chiara: [...] Como nasceram os gen 4? Primeira pergunta. Não sei. Não sei, porque, quando Deus manda uma inspiração do Espírito Santo...

Gen 4: (...)

Chiara: Sim. Você faz a segunda? Ela vai fazer a segunda. Quando Deus manda uma inspiração, não percebemos logo que é uma inspiração, porque às vezes, porque nem sempre é assim, o Espírito Santo é um sopro muito sutil, que nos faz intuir que antes faltava alguma coisa, mas não se percebe a realidade que deve nascer. A um certo momento, tive a ideia dos Gen 4 e percebi que na Obra de Maria havia uma lacuna imensa e que se Maria contém em si todas as vocações – os religiosos, as religiosas, os sacerdotes, as crianças etc. – antes de tudo ela cuidou do Menino Jesus. Ela o levou em seu coração, o carregou no colo, o amamentou, o ajudou a crescer, deu mamadeira para Ele, todas estas coisas. E o Menino Jesus brincou. Por isso eu disse: Maria vai me cobrar esta enorme omissão, se não fizermos nascer o setor dos Gen 4.

Portanto, hoje nasceram os Gen 4; aqueles presentes aqui na Mariápolis, mas que representam todos os Gen 4 do mundo. (Aplausos) Outro conceito. Vocês sabem [...] que dizem que o vigor de uma criança é todo definido nos primeiros mil dias de vida, na prática nos primeiros três anos.

[...] acontece o mesmo para a vida do espírito e para a vida divina de uma criatura: fala-se que o divino que entra nos primeiros três anos é essencial para a vida religiosa, se não necessário, para receberem depois o batismo. Eu creio que depende do fato que as crianças, sendo inocentes, possuindo a graça, propendem para as coisas divinas e religiosas. Portanto, é mais fácil para elas assimilarem essas verdades. Por exemplo, por meio do sinal da cruz, de alguma fórmula, de alguma explicação. Então, é absolutamente necessário que cuidemos dos primeiros mil dias da criança, e um pouco mais, até os seis anos. [...]"

Castel Gandolfo (Itália), 28.4.1992 - Congresso Gen 4 ⁷

Chiara: Respondo rapidamente a estas quatro, cinco perguntas.

Diz assim: “Quando você teve a ideia de fundar os gen 4?”.

Essa ideia nasceu em 1972, quando interroguei as crianças de Loppiano e recebi respostas fabulosas. Eu disse: “Chegou a hora do nascimento dos gen 4”.

⁶ Loppiano, 29.3.1972: *encontro com os habitantes da Mariápolis Renata: Fundação dos Gen 4*

⁷ Castelgandolfo, 28.4.1992, *Congresso Gen 4, pergunta n. 6*

Depois, mais adiante, fizemos as festas gen 4. Mas os gen 4 nasceram mesmo em 1988, quando fizemos o primeiro minicongresso. Ali nasceram os gen 4. Foi assim: eu estava fazendo um congresso para os gen 3 e, quando saí, encontrei um menino nos braços do pai. Esse menino se voltou para mim e disse: “Quando você vai fazer um congresso para os gen 4?”. Eu respondi: “O mais rápido possível”. E de fato fiz isso. Nos slides vocês podem ver uma foto do primeiro congresso gen 4.

“Os brotinhos... a garantia da árvore”

Rocca di Papa (Itália), 2.7.1974 - Congresso Gen 3 ⁸

Chiara: “O que os gen 4 representam para você?”.

Chiara: Os Gen 4 são preciosos demais para mim! Porque, quando se tornarem adultos, grandes, como os nossos Gen 2 e ainda mais maduros, terão que liderar um Movimento tão grande, tão grande que precisará de líderes muito bons, muito capazes. Eu amo muito os Gen 4, porque deles têm que surgir esses líderes que guiarão o Movimento, que se desenvolverá muito. (Aplausos)

Castel Gandolfo (Itália), 18.6.1988 - Congresso Gen 4: ⁹

Chiara: [...] perguntaram-me: “Quem somos nós, gen 4, para você?” Vocês, gen 4, são como os pequenos brotinhos de uma árvore. Estão vendo? Virgo, mostre para eles os brotinhos da árvore, aquele por exemplo. Este é um brotinho de uma árvore, aquele é outro brotinho. Vocês são como os brotinhos de uma árvore. Dos brotinhos nascem as folhas, as flores, os frutos. Aponte para as flores! Está cheia de folhas e se vê logo. As flores são aquelas, e os frutos são esses vermelhos, alaranjados e amarelos.

Vocês são os brotinhos. Se não existem os brotinhos... é impossível que nasçam as folhas, as flores, que nasçam os frutos.

E quem são as folhinhas? As folhinhas são os gen 3. Os gen 3 e as gen 3 são muitos, como vocês souberam ontem. As flores são os gen 2. Os frutos são as pessoas adultas. Mas tudo começa com os brotinhos. Por isso, quem são vocês? São a coisa mais preciosa. Garantem a vida da árvore. São uma coisa muito valiosa. Eis o que são para mim!

Agora vamos ver uma árvore. Este é um ramo com os brotinhos, que são vocês. O próximo slide será de uma árvore. Parece que é a mesma reproduzida ali; nela estão os brotinhos, que depois crescem. Eu vi a passagem da primavera no meu jardim. Havia esses brotinhos bem

⁸ Rocca di Papa, 2.7.1974, às Gen 3, pergunta n. 6

⁹ Castelgandolfo, 18.6.1988, no congresso Gen 4, pergunta n. 3.

delicados, que cresceram e deles nasceram folhas, flores e frutos. Tudo nasce dos brotinhos. Da mesma forma, vocês são a esperança do Movimento, pois a árvore representa o Movimento todo com os gen 3, os gen 4, os gen 2 e os adultos. [...]

Augsburg (Alemanha), 26.11.1988 – às comunidades do Movimento ¹⁰

Reni Steinel (*assistente Gen 4 de Munique – pergunta em alemão*)

Eli: “Reni Steinel, assistente Gen 4: **Qual foi a sua experiência ao encontrar os gen 4?**”

Chiara: Ela está perguntando o que foi para mim o encontro com os gen 4. O encontro com os gen 4 foi especial. Talvez tenha sido o encontro mais lindo do ano. Eu não sabia bem se os gen 4 entendiam ou não o Ideal. Pareciam-me pequenos demais. Ao invés, percebi que o compreendem, e como! Basta comunicar o Ideal com os meios adequados, não somente falando, mas usando slides, fotos, mímicas, jogos. Devemos dar o Ideal a eles usufruindo os meios modernos, audiovisuais, aos quais estão acostumados.

Eles compreendem o Ideal, e uma vez que penetrou, absorve todo o ser deles – é impressionante –, mais do que nos adultos. Ficam de tal forma conquistados por Deus, pelo amor que é Deus, pelo amor ao próximo, que é o nosso modo de amar Deus, que esquecem do resto.

[...]

As gen 4 são fabulosas. E pergunto o porquê. É porque são inocentes. Os Gen 4 e as Gen 4. Eles são batizados e, ao receberem o Ideal, parece que o batismo desprende todas as suas potencialidades. Ele as coloca em ação e não é detido pelo pecado. Eles ainda não conhecem o mal, então resplandece toda a beleza do Ideal.

Não reagem como nós, adultos, que, quando sentimos que Deus nos chama, temos dúvidas e receios. Dizem logo: “Quero ser uma focolarina”. Gostariam de crescer bem depressa para seguir Jesus sem demora. Uma das expressões mais fortes que me dizem com frequência é: “Quero ser santo. Quero ser uma focolarina”. É impressionante!

Os Gen 4 são um enorme potencial do nosso Ideal. Elas ouvem muitas coisas do Ideal, mas captam a mais importante. Por exemplo, uma criança perguntou a uma gen 4: “Como posso ser gen 4?” E ela respondeu: “Ame”. Compreendem que o amor é o coração do nosso Ideal. Outra menina perguntou: “Como posso ser gen 4?” “Faça um ato de amor e você será uma gen 4!”.

¹⁰ Augsburg, 26.11.1988: às comunidades do Movimento na Alemanha, pergunta n. 6

Loppiano (Itália), 5.5.1989 - aos habitantes da Mariápolis permanente ¹¹

Eli: «Uma gen 4, para continuar a seguir Jesus quando for grande, tem que se tornar focolarina ou pode segui-lo de outras maneiras?»

Chiara: Pergunta bonita! Isso não depende nem de você nem de mim; depende de Deus, pois é Ele que vai chamar você. Ele a chamará para ser uma focolarina, você entende Marta? Ou mãe de família, casando e formando uma bela família, ou uma voluntária, ou você conhecerá outro Movimento, ou vai ser religiosa... Depende de Jesus. Se você amar, Ele dirá no seu coração o que você deve fazer. Entendeu? Por isso não se preocupe, hem?! Ótimo. *(Aplausos)*

Castel Gandolfo (Itália), 8.6.1996 - Congresso Gen 4 ¹²

Raffaele: «Chiara, sou Rafael, de Nápoles. O que um gen 4 deve fazer quando sente o chamado, assim como quando você era criança e foi comprar leite para a sua mãe?»

Chiara: Ele diz que por vezes também um gen 4, apesar de ser pequeno, ou uma gen 4, sente no seu íntimo como se alguém lhe dissesse: “Venha comigo; seja todo meu!”, como aconteceu com Chiara quando ela foi comprar leite e teve a impressão de que Deus lhe dissesse: “Doe-se toda a mim”. Isso pode acontecer também aos gen 4 ou a certas gen 4.

O que se deve fazer?

Em primeiro lugar agradecer, pois é o maior dom que podem receber. Ir ao fundo do coração e dizer: “Obrigado, Jesus!”. E depois não se esquecer desse dom. De vez em quando recordem-se que o receberam, porque, crescendo, virão muitos momentos e podem se esquecer disso e daquilo. Não se esqueçam. E para que isso não aconteça, contem ao assistente gen. Quando vocês forem maiores, eles os ajudarão a lembrar. No mundo existem muitas coisas feias que poderiam encobrir as coisas bonitas. Façam de tudo para não esquecer. E quando forem maiores, doem-se totalmente a Jesus. *(Aplausos)*

¹¹ Loppiano, 5.5.1989, *aos habitantes da Mariápolis, pergunta n. 1*

¹² Castelgandolfo, 8.6.1996, *no Congresso Gen 4, pergunta n. 8*

“Ali nasceram os Gen 5!”

Rocca di Papa (Itália), 21.1.1995 - às comunidades do Movimento da região dos Castelos Romanos¹³

Chiara: «[...] A melhor notícia que vocês, gen 4, devem saber é esta: antes de entrar na sala dos gen 4 [...], algumas mães estavam me esperando no corredor com os seus bebês no colo. Eram muitas! Todas em círculo assim. Elas queriam que eu cumprimentasse seus filhos. E foi o que fiz; dei um beijinho em cada um. Diziam-me o nome, não os bebês, mas as mães, é claro! Foi então que tive uma ideia: mas estes bebês são batizados pela Igreja, porque a Igreja diz: “São meus. São cristãos”. Ainda compreendem pouco, porque são recém-nascidos. Porém, os pais entendem tudo e dizem: “Eu me comprometo a educá-lo como um bom cristão”. Então a Igreja os batiza.

Eu pensei: “Todos estes bebês são filhos de pessoas da Obra. Por que eles não podem ser da Obra também?”. Foi então que nasceram os gen 5. (Aplausos) Os seus assistentes são o pai e a mãe, pois os dois são da Obra. Eles devem educá-los não só como bons cristãos, mas também como bons membros da nossa Obra, bons Gen 4, que cresçam como Gen 4 exemplares. Eles estão espalhados pelo mundo e têm de zero a três anos e meio; depois passam a ser gen 4.

Essas crianças são confiadas a vocês. Vocês devem ajudá-las a crescer, brincando com elas, ensinando o Ideal, ensinando a amar. Pode parecer a vocês que elas não entendam nada. Mas entendem o que veem. Se vocês se comportarem bem e amarem, elas aprendem e dizem: “Ah! Devo amar”, e amam. Portanto, eu as confio a vocês, hem? Outros vão ver este vídeo de hoje, também outros gen 4, e dirão: “Nasceram os Gen 5, e Chiara os confiou a nós”. [...]

¹³ Rocca di Papa (Itália), 21.1.1995: às comunidades do Movimento, pergunta n. 1

“A alma não é pequena nem grande”

Chiara Lubich sobre Gen 4 e Gen 5 – orientações para a formação

(seleção de trechos de escritos e palestras: 1955-2007 – Segunda parte)

“Jesus Mestre”

Speaker (voz masculina): Hoje falamos em “comunidade educativa”, e se diz que “para criar uma criança é preciso uma aldeia inteira”; que para garantir o bem-estar e a proteção das crianças é preciso atuar em sinergia, garantir a presença de vários educadores; que a figura do assistente é importante, mas apoiado por uma equipe.

São todos conceitos profundamente presentes no coração de Chiara e iluminados por aquela “luz” que Deus lhe deu.

Em 1971, em Loppiano, referindo-se às escolas de formação, Chiara falou de “Jesus Mestre”. “Ele, que vive entre nós, é Deus e por isso sabe responder como verdadeiro Mestre a todas as perguntas que os homens de todos os tempos fazem”. São conceitos que ela, referindo-se às crianças, já havia evidenciado em 1966.

Loppiano (Itália), 19.8.1966 - às Focolarinas¹⁴

Chiara: “[...] Não é suficiente ter um responsável para as crianças. Para acompanhá-las é necessário envolver toda a Obra. [...] Quando fizerem as jornadas para as crianças, toda a Obra na região deve participar: as focolarinas do primeiro Ramo, do terceiro Ramo¹⁵, as externas¹⁶, as voluntárias, que estão a serviço da Obra. Todos envolvidos com as crianças naquele dia [...] para que tudo seja bem feito.

Cada parte deve ser uma obra-prima: a missa, toda animada por elas, cantada pelos meninos e meninas, que eles sejam os coroinhas e façam tudo perfeitamente. Contem alguma coisa ou mostrem um filme, se for feito por outra pessoa... É preciso muita força para pular como as crianças. Precisa distribuir as tarefas. Não só por isso, mas para terem a presença da Obra inteira ali, para que toda a Obra, com Jesus no meio, saiba viver por aquelas crianças, de modo que Jesus no meio substitua o pai, a mãe, os educadores, porque Ele também é mestre. [...]

¹⁴ C. Lubich, discurso às focolarinas: *Várias realidades sobre a Obra. Trechos sobre as crianças, os adolescentes e jovens*, Loppiano, 19.8.1966.

¹⁵ A denominação “as focolarinas do primeiro Ramo, do terceiro Ramo” indica, naqueles anos, as focolarinas de vida comunitária e as focolarinas casadas (cfr. Estatutos Gerais da Obra de Maria, Città Nuova, maio de 2007, p.22)

¹⁶ O termo “externas” indica as focolarinas em formação, que se prepararam para viver em um focolare.

Devemos envolver a Obra inteira. Estudar bem, com Jesus no meio, o que deve ser dito. Assim Ele evidenciará também a parte bonita, fabulosa do Movimento. Portanto, saberão como contar as coisas e mostrarão a parte aventureira do Movimento, que conquista também os mais jovens [...]. Mostrar que é tudo interessante, o vermelho, o alaranjado, o amarelo, verde, azul, anil e violeta... até a economia é bonita, pois se fala do Eterno Pai, do cêntuplo etc. É possível dizer tudo, as notícias, basta saber como¹⁷. E quem sabe fazer isso? Jesus no meio, ninguém sozinho.

Então faremos uma revolução tão grande entre as crianças, a juventude, que vocês nem imaginam; verão o que acontecerá no próximo ano. Faremos uma grande revolução entre as crianças.

[...] As crianças devem ser consideradas assim e não só separadamente, mas também como fermento de todo o resto... [...]; depois, colocar um assistente, alguém que escolhemos, que tenha os nomes dos participantes. Não para que toda a responsabilidade das crianças recaia sobre essa pessoa, mas para que tenha a lista dos nomes das crianças¹⁸, saiba onde moram, como localizá-las etc.

Toda a Obra deve se dedicar a elas, caso contrário, nunca nascerão as verdadeiras crianças do Ideal, os verdadeiros jovens do Ideal, especialmente porque, às vezes, é mais difícil com eles do que com os adultos. É difícil, porque é preciso saber como dizer as coisas para as crianças. Isso também será muito útil para vocês, pois finalmente serão capazes de entender o lado divino de cada acontecimento, mais do que o lado humano, porque as crianças não entendem uma narração simplesmente humana. Se há algo transcendente, digamos, elas entendem; caso contrário, não entra na alma delas. [...]

¹⁷ Nesta frase, Chiara Lubich se refere aos aspectos concretos da vida dos gen4, que é iluminada, à semelhança do que acontece com os adultos, pela espiritualidade da unidade, com uma luz que se desdobra em sete "cores" (cf. Estatutos da Obra de Maria, Città Nuova, maio de 2007, p. 29 e segs. Em particular, mencionamos aqui o primeiro aspecto: "Vermelho: comunhão dos bens", e o último: "Violeta: comunicação e *aggiornamento*" (cfr. Regulamento gen4, Città Nuova, janeiro de 2009, p. 9 e ss.)

¹⁸ Chiara usa a expressão "Popetti", diminutivo de "popo", palavra familiar no dialeto trentino: significa criança, e também filho. Chiara Lubich usou a palavra "popo" desde o início do Movimento, entendida no sentido de "criança do Evangelho", para indicar os focolarinos. A palavra "popetti" indicava as crianças, chamadas depois com os nomes Gen 4 e Gen 3.

“Eu imagino muitas pessoas”

Rocca di Papa (Itália), 9.10.1989 - aos Responsáveis da Obra na região de Milão e Trento

Voz feminina : “[...] É preciso organizar, também com pessoas casadas, voluntários, pessoas competentes no campo educacional, uma espécie de comitê que acompanhe toda a realidade dos Gen 4. Que eles mobilizem suas forças quando houver algum encontro, que sintam a responsabilidade sobre seus ombros

Não confiar totalmente nos professores, porque eles têm estilos antigos, e acreditar que, por serem professores, são capazes: não é verdade. Mas quando são do Ideal, eles têm algo mais, são especialistas. [...] Algo desse tipo. Eu imagino muitas pessoas [...].”

Rocca di Papa (Itália), 1.03.1991 - Encontro com os Centros Gen

Voz feminina : “[...] pais, psicólogos, pediatras, professores etc., mas que sejam pessoas capazes de infundir “todo o seu conhecimento no Ideal... Tendo o Ideal como base, tudo é útil, mas não fora do Ideal [...].”

“Uma formação que sirva de suporte para o Ideal”

Rocca di Papa (Itália), 5.12.1983 - encontro com os Centros Gen

Voz feminina : “[...] No Movimento gen 4 está ficando ainda mais evidente que a primeira coisa importante, por onde começar, é formar os assistentes.

É difícil e requer muita experiência para saber como envolver as crianças nessa idade e dar-lhes o Ideal e a Obra. [...].”

Rocca di Papa (Itália), 17.01.1990 - encontro com os Centros Gen

Voz feminina : “[...] O ambiente das crianças é muito diferente de todos os outros... Requer uma formação que também inclui um pouco de pedagogia, de psicologia, que sustente o Ideal. Algo adequado para a idade delas. Dizem que nos primeiros três anos aprendem tudo, absorvem tudo, mas é preciso saber disso. Essas são algumas das regras que professores e educadores conhecem e que os assistentes deveriam saber, porque assim eles as desfrutam. Eu digo psicologia neste sentido: saber como é a psique delas, para poder imprimir o Ideal. Vejam se é possível fazer algo nessa linha, pensem nisso. [...].”

Rocca di Papa (Itália), 25.09.2002 - aos Responsáveis da Obra

Voz feminina : “[...] não se consegue... encontrar adultos que ajudem as gerações mais novas, porque não as consideram importantes. Em vez disso: são fabulosas! [...].”

Esses pequenos são fabulosos! E devemos estar atentos a julgá-los. Jesus diz que são o nosso modelo. [...].”

“Foram confiados a vocês”

Speaker (voz masculina): Em 1966, Chiara dizia que “com as crianças conquistaremos as crianças e com os jovens conquistaremos os jovens”¹⁹. Também confiou cada geração àquela que a precede – aos Gen 2 confiou os Gen 3; aos Gen 3, os Gen 4; e também aos Gen 4 confiou os Gen 5 – incentivando o valor da “maternidade”, de ser “geradores”, de um amor que sabe “cuidar”, das relações com as quais se transmite a vida do Evangelho, a vida do Ideal.

Rocca di Papa (Itália), 2.7.1974, Congresso Gen 3²⁰

Chiara: “Gostaríamos de saber o que mais você quer que nós, Gen 3, façamos pelas Gen 4”.

Chiara: Isso é muito importante. Este ano entregamos as gen 4 a vocês, gen 3. Vocês são as assistentes das gen 4 e devem se dedicar a elas.

Como fazer isso? Para nós, e também para a Igreja, é suficiente que as gen 4 conheçam aos poucos Jesus. Vocês devem inventar de tudo; por exemplo, fazer encenações sobre o nascimento do Menino Jesus, explicar quem é Nossa Senhora, são José [...]. Explicar a Anunciação, a fuga ao Egito, ou Jesus que se perdeu dos pais no Templo, ou as parábolas. Façam muitas encenações ou, como se faz em outros países, acho que na Holanda ou na Bélgica, usem as marionetes ou mostrem vídeos; mas nós ajudaremos vocês.

As gen 1 e as gen 2 sentem a responsabilidade de ajudar as Gen 3 a serem as assistentes das gen 4. (Aplausos)

Dizem que as coisas absorvidas aos três anos de idade são as mais importantes. Por isso devemos continuar... Contar também as experiências de vocês, se é uma experiência que as gen 4 entendem. Talvez vocês tenham vivenciado uma experiência, que são as experiências de todos os dias, contem para elas com palavras simples, para que entendam. Se elas assimilarem, vocês já fizeram a reunião. Depois, deixem elas brincarem muito, e ensinem. Mas principalmente façam encenações do Evangelho ou mostrem slides, vídeos. Daremos muito material para vocês. Em seguida, peçam para elas desenharem, para fazerem muitas coisas. Diremos a vocês tudo o que precisam fazer. É necessário que vocês assumam a responsabilidade de fazer nascer este ano um Movimento Gen 4 bem numeroso, também com as menores. Se há ainda algumas que estão no berço, deixem-nas ficarem ali, olhando, para que vejam alguma coisa com seus olhinhos. (Aplausos)

¹⁹ C.Lubich, discurso às focolarinas: *Várias realidades sobre a Obra. Trechos sobre as crianças, os adolescentes e jovens*, Loppiano, 19.8.1966

²⁰ Rocca di Papa, 2.7.1974, *respostas às gen 3, pergunta 22.a*

Natal de 1974: mensagem para todos os Gen 3 ²¹

Voz feminina :

Queridos Gen 3, o Natal se aproxima [...]

O que mais desejo no coração para vocês este ano? Que derramem o amor de vocês sobre muitos Gen 4. No último congresso eles foram confiados a vocês. Eu gostaria que vocês vissem neles outros Menino Jesus. De fato, quando Jesus era grande e pregava, ele dizia: “Tudo o que fizerdes a um destes pequeninos, a mim o fizestes”.

Percebem como Jesus considera feito a Si o que fazemos pelos pequenos? Se vocês já têm a oportunidade em suas famílias, ou por meio das unidades gen, façam um grande bem aos Gen 4. Acredito que um Natal passado assim agradecerá a Jesus e também a Maria.

Então, estamos de acordo! Até os menores devem sentir na alma a chama da nossa revolução de amor. Garanto a vocês que, com a inocência deles, são capazes de compreender alguma coisa ou até mesmo muito. [...] Permaneçam no Menino Jesus. De todo o coração,

Chiara

Loppiano, 6.5.1995, aos habitantes da Mariápolis permanente ²²

Eli: Outra Gen 4, a Eleonora.

Chiara: Você é a Eleonora? Levante a mão, Eleonora. Você é a Eleonora? Sim.

Eli: Chiara, gosto muito de você, gostaria que você estivesse sempre perto de mim... **Chiara:** Já estou! (Aplausos) **Eli:** Chiara, eu tenho duas irmãzinhas que são Gen 5.

Chiara: Verdade? **Eli:** Como elas podem ser Gen 4 como eu?”

Chiara: Tudo depende de você, Eleonora, sabe? Se você conseguir amá-las muito, a ponto de elas preferirem você... Elas já preferem você? Gostam de você? Sim. Faça com que elas gostem ainda mais, ainda mais. Que não vejam a hora da Eleonora chegar em casa. E quando virem você, farão muitos gestos para dizer: “Bem-vinda, bem-vinda!”.

Você deve fazer com que elas sejam suas amigas, além de serem irmãzinhas. Quando forem suas amigas, está feito. Você poderá lhes contar tudo sobre o Ideal, tudo sobre as gen 3, as gen 4, os gen 5. Mas primeiro seja amiga delas. Está certo, Eleonora? Entendeu? Sim.

(Aplausos)

²¹ C.Lubich, mensagem aos gen3, em *Gen3*, n.9, dezembro de 1974, pp.4-5

²² Loppiano, 6.5.1995, *aos habitantes da Mariápolis permanente*, pergunta n. 6

Castel Gandolfo (Itália), 8.6.1996 - Congresso Gen 4 ²³

Gen 4 F: «Você confiou a nós os Gen 5. O que podemos fazer para ensiná-los a amar?»

Chiara: A coisa mais importante é dar o exemplo. Se os Gen 5 virem que os gen 4 amam, são carinhosos, dão um pedacinho de biscoito e os levam para brincar no jardim, estão com eles, então os Gen 5 aprenderão e dirão: “Eu também devo fazer o mesmo. Eu tenho que fazer assim”. Uma segunda coisa que é preciso fazer é levar os Gen 5 diante do sacrário e explicar que Jesus está ali. Eles entenderão que Jesus está ali e quando forem à igreja lhe darão uma saudação ou farão uma breve oração.

Estas são as duas coisas que vocês devem fazer com os gen 5.

Tagaytay (Filipinas), 18.1.1997 - encontro com os Gen 4 ²⁴

Gen 4F: (Em tagalog, com tradução sobre a voz adulta F): “Sou Vera. Como podemos cuidar das gen 5 para que elas possam ser como nós?”

Chiara: Vocês têm que amar muito as gen 5. Brincar com elas, acompanhá-las frequentemente, pegá-las nos braços, tornarem-se amigos e amigas dos gen 5. Se vocês se tornarem amigos, se os gen 5 gostarem muito de vocês, com certeza quando eles tiverem idade se tornarão gen 4.

²³ Castelgandolfo, 8.6.1996, no Congresso Gen4, pergunta n. 23

²⁴ Tagaytay (Filipinas), 18.1.1997, aos Gen4, pergunta n. 1

“A alma não é pequena nem grande”

Chiara Lubich sobre Gen 4 e Gen 5 – orientações para a formação

(seleção de trechos de escritos e palestras: 1955-2007 – Terceira parte)

“É preciso dar tudo às crianças. Mas de que maneira?”

“Decálogo do jogo Ideal”²⁵

Speaker (voz masculina): *Um aspecto importante do amor de Chiara pelas crianças sempre foi entrar no mundo delas, entender que não podemos amar as crianças sem brincar com elas.*

Já na primeira Mariápolis²⁶ havia jogos para as crianças, mas não só isso. O tempo reservado para brincar era considerado muito construtivo e vivido com a mesma intensidade dos outros momentos. É fácil compreender o valor “vital” que esses momentos podiam ter, relendo as “regras” dadas pela própria Chiara, provavelmente em 1956 no “Decálogo do Jogo Ideal.”

Voz feminina :

- 1) Também o Menino Jesus brincou.
- 2) Brinquemos para fazer a vontade de Deus.
- 3) Que Jesus esteja entre nós também quando jogamos.
- 4) Joguemos para alegrar o irmão.
- 5) Alegremo-nos com os pontos feitos pelos outros como se fossem nossos.
- 6) Não imitemos o modo de jogar do mundo, porque muitas vezes, no mundo, o jogo é uma pequena guerra
- 7) Não nos preocupemos com a contagem de pontos porque – dada a imperfeição humana – errar é humano.
- 8) Quem nos vir jogar deve perceber a Caridade em cada movimento, em cada olhar.
- 9) Lembremo-nos de que o jogo em si mesmo não deve ser um fim, mas uma pequena antecipação do Paraíso.
- 10) Que Jesus e Maria, do Céu, vejam em nós, jogadores, as suas “crianças” aptas para entrarem no Reino dos Céus.

²⁵ C. Lubich, “Decálogo do jogo ideal” [1956] em AGMF, ACL, Escrito. O texto foi publicado no primeiro número do noticiário “Átomo” dedicado aos “popetti” em 1956. Citado em “Abignente L. – Delama G., *Una città “tutta d’or”*, Città Nuova Editrice, 2009, p. 182”.

²⁶ Mariápolis (cidade de Maria) é o nome dado nos primeiros anos aos encontros de verão do Movimento dos Focolares. Também as Mariápolis permanentes, cidadezinhas de testemunho, receberam o mesmo nome em vários lugares do mundo, começando com a de Loppiano, perto de Florença.

Speaker (voz masculina) : Para Chiara, “brincar” não significa “reduzir” ou dar menos: significa captar a maneira adequada de dar “tudo” às crianças, de falar à alma delas. Significa tratá-las como pessoas inteiras, respeitando a personalidade delas, mas não falar com elas como a pessoas adultas, certamente. Significa preparar-se colhendo o “coração” do que se quer dizer e também utilizando diversas linguagens, que despertem “admiração”, que falem de beleza, que sejam “arte”: encenações, fantoches, desenhos, animações, canções...

Há toda uma “pedagogia ideal” que pode ser vislumbrada em muitas conversações de Chiara.

“Não podemos amar as crianças sem brincar com elas”

Loppiano (Itália), 19.8.1966 - às Focolarinas²⁷

Chiara: [...] Como dar a vida do Movimento às crianças? Eu gostaria de falar, pela pouca prática que tenho, mas também porque acho que seja mesmo assim. Nós não devemos tratar as crianças como crianças. Devemos vê-las como crianças com uma alma, e a alma não é nem grande nem pequena. É sempre uma alma. [...] A alma é sempre a alma. Portanto, devemos dar tudo às crianças e aos adolescentes do nosso Movimento.

Assim como numa família se fala de tudo, exceto em casos excepcionais, em que o pai e a mãe têm algo em segredo, alguma questão que só eles devem saber e que não dizem aos filhos, mas quanto ao resto é preciso dizer tudo, da mesma forma temos que apresentar às crianças o Movimento todo e assim como ele é. De que maneira? Eu não digo que deve ser uma coisa breve nem longa. Digo que deve ser dado tudo, de um modo que elas possam compreender. Não devemos nos fazer um com elas com a finalidade de que compreendam, mas de uma determinada maneira que toque as suas almas, de forma que, num modo superlativo, a criatividade, a vontade e outras coisas sejam desenvolvidas. [...].

[...] Portanto, deve ser dado tudo do Movimento.

[...] É possível escrever artigos de uma página de jornal ou também breves, uma coluna, sobre o Movimento dos Focolares. A mesma coisa pode ser escrita de modo breve ou longo. Trata-se de ver a quem expomos e como desejamos expor. Primeiro isso. Vocês dirão: é preciso falar como é a Obra hoje, que existem os focolarinos, os voluntários, os simpatizantes, o terceiro Ramo...? Sim, é preciso. Trata-se de saber descobrir o lado heroico, aventureiro e fantástico da vocação dos focolarinos para dizer a eles. Você consegue colher isso? Comunique. Não consegue? Não faça, porque os jovens fogem. E nos voluntários? Há alguma coisa? É uma vocação de Deus. Logo, tem algo fascinante. É preciso saber doar isso. Também ali existe algo heroico, aventureiro. Os

²⁷ C. Lubich, discurso às focolarinas: *Várias realidades sobre a Obra. Trechos sobre as crianças, os adolescentes e jovens*, Loppiano, 19.8.1966.

voluntários, por exemplo, procuram transformar uma cidade em Reino de Deus, mediante os aspectos... fazendo a comunhão viva... Saibam comunicar isso. Muitas vezes nós nos dirigimos às crianças contando só uma pequena experiência, lendo a Palavra de Vida. Reduzimos tudo a que eles que contem suas experiências, que valem até certo ponto, pois são sempre as mesmas ou são poucas, muito limitadas. Ao invés, é preciso alargar a alma delas e lhes dar tudo. Saber dar tudo. Este é o primeiro princípio.

[...] Uma segunda coisa. É preciso dar tudo às crianças fazendo-se um com elas, mas não com a piedade... Elas estão mais perto de Deus do que nós. Os seus anjos olham para o Pai. Nem sempre os anjos dos adultos olham para o Pai, pois isso não está escrito... Elas estão muito perto de Deus. É preciso fazer-se um com elas no sentido divino, e isso significa participar da vida delas.

As crianças. Deus quis que a vida delas seja quase sempre brincar. Não se trata de se fazer um com elas e só brincar. É preciso compreender como é o jogo delas; equivale ao trabalho dos grandes. Portanto, se nós não preparamos as lições que damos às crianças no jogo, na maior parte do jogo, nós não compreendemos nada das crianças. Não é que nós brincamos com elas para sermos suas amigas e dar depois uma lição de moral, dizendo: «Agora lhes conto algo do catecismo ou da espiritualidade». Nós devemos brincar com elas porque as amamos. E, amando-as, temos que brincar com elas. Ninguém ama as crianças sem brincar com elas.

Eu creio que os fundadores, sobretudo de Ordens nascidas para as crianças, compreenderam isso, como dom Bosco. Eles não construíram os jogos, os instrumentos que têm para brincar, só para contentar as crianças e conduzi-las à religião. É muito claro que os fundadores compreenderam a psicologia da criança e como ela deve ser tratada. Enfim, que deve ser considerada e tratada como Deus deseja. Outras pessoas terão inventado jogos lindos, com os quais as crianças brincam o dia inteiro, mas saem dali piores de como chegaram, porque brigaram, os assistentes não estavam ali, porque não souberam compreendê-las e não souberam colocar Jesus no meio na brincadeira. Nesse caso é o adulto que deve conduzi-lo se deve comunicar o Ideal.

É essencial... Lembro das reações das nossas crianças que participaram lá. Elas disseram: «Aqui é maravilhoso!». Exatamente porque, sem querer, todos participamos do jogo. Disseram: «Que dia lindo! Nas jornadas se fala muito e se brinca pouco. Aqui brincamos muito e se falou pouco», mas disseram isso como algo essencial. Elas precisam brincar muito e ouvirem pouco.

Vocês podem perguntar? E qual é o resultado? Dou o exemplo do meu sobrinho. Ele é muito peralta, como os meninos em geral. Ele era de um grupo cujo responsável era Gabriele Bighignoli. Era do time e fizeram um jogo final, uma espécie de gincana ideal. Esse menino, com outros, recebeu a medalha. O pai dele, quando veio pegá-lo, disse: «Agora ele vai falar só da medalha, da gincana», pois estava muito feliz, bem animado... Ele contava para a Eli todos os pontos que fizeram, como recuperaram tudo em segundos.

Com efeito, chegou em casa, mas viu que não havia clima para falar. Por um dia, dois, não disse nada, ficou sempre calado. No terceiro dia se vê que havia o clima e ele começou a falar. O pai

percebeu que ficaram gravadas nele, como Palavras de Deus, diríamos, os princípios do Ideal. Por exemplo, o Danilo explicou bem, com exemplos, o tema da vontade de Deus. Tinha só dez minutos para explicar a vontade de Deus. Para esse menino a vontade de Deus se tornou realmente a vontade de Deus. Ele não tinha uma mentalidade religiosa e profunda, assim ficou gravada a mentalidade do Ideal como se fosse Palavra de Deus. Visto que o Ideal é o Evangelho, é Palavra de Deus, é bom que nessas mentes tão dóceis e inocentes esses nossos princípios fiquem gravados, que podemos, não sei, ter o *homem velho*; nós podemos até comparar com outras espiritualidades, no entanto as crianças não possuem outras, mas esta espiritualidade.

O pai dele disse que foi uma coisa maravilhosa ver como esse menino encontrou o Ideal, que só falava do Ideal, dos princípios do Ideal. Ele esqueceu da brincadeira. E olhem que jogou muito.

Isso para dizer como nós temos que nos fazer um com as crianças...

[...] Se as coisas forem feitas assim, a reação delas será inesperada.

[...] A reação delas é muito forte, eu diria que é única; também porque ainda não são apegadas às coisas do mundo.

[...] Outra coisa que mencionei antes: o efeito é que os princípios do Movimento, que são Espírito Santo, se forem como devem ser, ficam impressos na alma delas e se tornam a sua *forma mentis*. Teremos pessoas que levarão à sociedade de amanhã um modo de pensar evangélico, e vocês podem entender logo a vantagem disso. Ainda mais agora que elas estão no meio do mundo e devem afrontar a mentalidade delas com a das crianças que não creem, que estão em todas as escolas. Não é como no meu tempo ou no tempo de vocês, quando não havia todo esse ateísmo. De certo modo, todos acreditavam em Deus; agora, o ateísmo se espalhou até entre as crianças. Portanto, devemos colocar a fé dentro delas de maneira forte, a ponto de se tornar indestrutível: também esta é uma característica das crianças.

É isso que eu queria dizer a vocês. Para evidenciar como é verdadeiro para as crianças que o nosso Movimento tem essa forma fantástica, digamos, porque o Movimento é maravilhoso e é de modo especial maravilhoso porque é divino. [...]

Rocca di Papa (Itália), 20.10.1988 – com os Responsáveis da Obra no Brasil

Chiara: [...] Se vocês observarem as crianças – eu não aprendi isso porque fui professora no ensino fundamental, aprendi com o Espírito Santo –, se observarem uma menina, por exemplo, ela está ali com a sua boneca, não é? Ela tem uma mamadeira e dá o leite para a boneca beber. Se olharmos para ela, ela se esconde, porque é recatada com isso. Ela realmente dá o leite para a “menina”, não é que não dá! E ela se sente julgada. Sempre acontece assim. Da mesma forma com todas as crianças. Se virmos uma criança dando o leite para beber, devemos dizer a ela: mas dê também o

café; você colocou açúcar? Trata-se de fazer-se um com o seu mundo de brincadeira, que é metade verdadeiro e metade falso; não falso, fantasioso.

Depois de um tempo que você faz assim, ela se abre, não é? E talvez, não sei, possa consolar – foi uma mãe que me contou isso – talvez você esteja desconsolada, com vontade de chorar... Uma mãe estava com vontade de chorar, não podia ir a um encontro porque não sabia onde deixar as filhas. A menina a viu chorar e disse para ela: mãe, por que você está chorando? E a mãe disse que teve coragem e conseguiu ajeitar a situação, sugerida pela criança porque se sentiu amada, como faz uma mãe.

É um exemplo, parece pequeno, mas é toda uma pedagogia ideal, podemos dizer: mas você sabe que estou sofrendo muito? E a criança fala, se faz um, pergunta o motivo. Você diz o motivo e que, abraçando Jesus abandonado, vai conseguir. Ela entende, e o Ideal entra. Se soubéssemos antes como entrar no mundo delas! Devemos nos fazer um sempre.

Montet (Suíça), 16.9.1989 - encontro dos Focolarinos/as das escolas de formação ²⁸

Chiara: [...] Vemos que também os Gen 4 entendem a espiritualidade do Movimento. Claro que não devemos falar com eles como falamos com os bispos ou como falamos... E os Gen 3 entendem ainda mais. Mas também os gen 4: não há um “ainda mais”, porque os gen 4 são tão transparentes que absorvem tudo... São maravilhosos; a Obra de Maria tem uma queda²⁹ por eles. [...]

“É preciso se preparar muito bem”

Speaker (voz masculina): Chiara nos mostrou como nos prepararmos. Desde o primeiro congresso Gen 4, em 1988, Chiara quis conhecer cada detalhe, recolher as perguntas dos Gen 4 e se preparar para aquela ocasião muito mais do que para qualquer outro encontro. Ela pediu que fossem preparados slides com fotos ou desenhos para cada resposta, dando instruções detalhadas sobre como e o que fazer.

Reunimos algumas anotações escritas à mão enviadas por Chiara ao Centro Gen 4. Relatam o esquema preparado por ela para cada resposta e a indicação dos slides a serem preparados. Para responder à pergunta: “Você pode me contar uma aventura da sua vida?” Chiara fala sobre o episódio de Loreto; e aqui estão as indicações para as imagens a serem procuradas: Slides: Igreja-fortaleza de Loreto / Casa por fora / Casa por dentro / Uma figura da Sagrada Família, e assim para todas as outras respostas.

²⁸ Montet, 16.9.1989, *Chiara às escolas dos focolarinos e das focolarinas: respostas às perguntas - pergunta n. 4*

²⁹ Chiara usa a palavra “debole”, uma expressão em italiano que significa preferir, cuidar, dar uma atenção especial, afeto.

A preparação do primeiro congresso Gen 4 durou... meses! Chiara mesma relatará isso no próximo mês de outubro aos Responsáveis do Movimento nas regiões, reunidos em Rocca di Papa:

Rocca di Papa (Itália), 17.10.1988 – Encontro dos Responsáveis da Obra nas regiões

Chiara: [...] Eu não imaginava o encontro Gen 4 assim. Foi o mais importante do ano. As meninas que vieram, deixando os pais naquela idade, dos três anos e meio aos oito, não pareciam crianças, mas anjos. É o assunto mais difícil, por isso adiei tanto, não sei explicar. O divino estava presente nelas à flor da pele. Elas deixaram tudo para vir, por Jesus, e Jesus entrou. Parece-me que chegou a hora – e vocês terão muito o que fazer – que Jesus entre nós diz: «Deixai vir a mim as criancinhas e não as impeçais». Ali o batismo podia ser visto a olho nu – ainda não contaminado, porque ainda não pecaram –, atualizado, isto é, aquilo que receberam com a água, ali era visto com o Espírito, pelo encontro com o Ideal.

Para repetir algo semelhante nas regiões, o que considero irrepetível porque aqui houve uma graça extraordinária, mas vamos fazer o melhor possível, é preciso se preparar muito bem – foram necessários meses de preparação – mas basta que as crianças ajudem na preparação, porque envolve muitos detalhes que dirão a vocês, as crianças ou algum gen etc. Vou relatar algumas expressões delas ou alguns fatos que aconteceram, para terem uma ideia. [...]

Uma menina me escreveu uma cartinha: “Querida Chiara, tive uma experiência estranha (palavras dela: experiência estranha). Sou filha única e, portanto, estou sozinha no quarto. Aqui estou com outra gen 4. É como se eu tivesse uma irmã mais nova”. Só isso. E me fez pensar muito. Falei sobre isso também para os bispos. Para mim, foi a resposta de Deus ao celibato sacerdotal. Vocês dirão: o que isso tem a ver? Elas, pelo sobrenatural que havia entre elas, que não cancela o natural, mas o sublima, eram realmente irmãs. Essa fraternidade universal não é uma palavra, é uma realidade, porque – repito – o humano não é cancelado, mas ele é sublimado. [...]

Outro episódio. Eu expliquei, porque me perguntaram como fazer – vocês verão depois – quando se tem o *homem velho*, porque para elas é difícil recomeçar. Eu não podia dizer: “Entrem no próprio coração, abracem Jesus Abandonado...”. Era complicado, eu sei que quando temos o *homem velho* precisamos nos renegar e recomeçar... Então eu disse: “Quando vocês tiverem *homem velho*, digam: chega!”. Esse “chega” significava para mim se renegar, abraçar..., foi só isso. Antes pensei em responder para morderem a língua, fazerem alguma coisa. Mas uma focolarina me disse: “Olha que elas vão machucar a língua!” Então eu encontrei isso: “chega”. Uma gen 4 estava circulando por Castel Gandolfo, e dizia: “Funciona, funciona!” “Mas o que é que funciona?” “Eu disse: ‘chega’, e ele foi embora”.

Realmente elas vieram até Jesus, para se consagrarem, para se doarem; mas não sabiam. Quando apareceu aquela figura de uma menina, [...] que é Maria Menina, que vai ao templo para se consagrar, para se entregar a Deus como Ele queria, havia um grande silêncio! Porque era a hora delas: quatro anos. Houve um silêncio, porque viram quem elas eram, o que tinham feito, o que

tinham que fazer. E entregar-se a Jesus, se Jesus nos torna irmãos, vocês podem imaginar nós com Jesus. Jesus é nosso pai, mãe, irmão, irmã, é tudo. [...]. Há também outra figura, de um menino ajoelhado, como podem ver. Uma mãe nos escreveu que a filha chegou em casa; dois dias depois a mãe foi chamá-la no quarto, dizendo: “Venha tomar o café da manhã”. “Espere um momento, mãe”. E se colocou na cama, de joelhos, e repetiu “por ti”, que eu disse para falar, para que o dia todo seja uma oração. Ela também faz isso. Podem imaginar essa mãe...

Uma coisa maravilhosa que me perguntaram foi como agir com as crianças que não creem em Deus, porque dizem: “Deus não existe”. Eu tive a ideia de dar a resposta que sempre damos. Mostrei três pinturas, porque devemos fazer slides: elas me agradeceram muito por eles! Porque precisam disso, são da era do visual, não do falado. Então eu mostrei: “Olhem uma montanha mais alta que o Cervino; olhem a extensão de um mar, de um campo de flores...”. E elas olhavam. “Fui eu que fiz isso? Não. “Foram vocês?” “Não”. “Foi o pai de vocês que fez?” “Não.” “Foi o avô de vocês?” “Não”. Elas não entenderam. “Não.” “Ninguém fez. Mas alguém fez. Foi Deus.” E foi uma luz! Isso nunca vai sair mais da cabeça delas. Creio que é a fé, e é difícil que a percam. Elas conversaram entre si: “Eu tenho um amiguinho que não crê; assim que chegar em casa vou contar isso para ele”. Porque elas encontraram.

Naturalmente devem ser tratadas pensando que entendem o Ideal mais do que os adultos, porque estes têm as sombras do pecado. O Ideal deve ser dado com os meios com os quais estão acostumadas, com audiovisuais, com música, com encenações, jogos. Elas não os consideram um simples jogo e diversão, como nós: quando vamos para as montanhas, é uma diversão; elas consideram isso o Ideal. Elas fizeram o jogo da santa viagem. Tudo era real, verdadeiro... Você preparou algumas passagens...

Sandro³⁰: Sim.

Chiara: Com as montanhas – pegaram todos os colchões do Instituto Mundo Melhor – com montanhas para superar, com pontes. E tinham que atravessar toda essa santa viagem. E em cada etapa os focolarinos explicavam, aqui acontece isso, depois precisa superar um obstáculo... Entenderam que eram várias etapas. Porque a vida deles é como um jogo, mas que é real; não é um jogo de mentira, [...] como eu disse outras vezes, nos primeiros tempos. Para eles é como se tivessem feito a santa viagem, quando estavam fora. Um menino me escreveu: “Olha, eu superei todas as etapas da santa viagem”. Para ele, eram mesmo etapas. Eram um pouco difíceis, porque teve que se esforçar. Porém, venceu todas. Para ele são metade fantasia e metade realidade [...]

Speaker (voz masculina): O segundo Congresso internacional Gen 4 aconteceu em 1990. Também desta vez, como fará em todos os Congressos seguintes, Chiara se preparou com atenção especial.

³⁰ Sandro Ungaro, naqueles anos responsável central dos Gen 4 com Gerta Vanderbroek, responsável central das Gen 4, ambos também mencionadas mais adiante no texto.

No mês de maio precedente, encontrando a Gerta e o Sandro do Centro Gen 4, Chiara deu indicações de como preparar os desenhos que acompanharão as suas respostas.

Rocca di Papa (Itália), 8.5.1990 - encontro com os responsáveis centrais do Centro Gen 4

Voz feminina : [...] Eu preparei as perguntas [...] Agora é preciso fazer alguns slides, depois dos desenhos, ou colocar algumas pinturas.

Uma menina de 7 anos me perguntou: “Chiara, eu penso muito no Paraíso, pode nos falar sobre o Paraíso?” [...] eu preciso de um slide com o paraíso ... [...] descrevo o Paraíso, um pouco como eu vi em 1949³¹ [...] e digo: “Vai ser lindo, iremos para lá com o nosso corpo, porém mais espiritual, mais bonito, sem a necessidade de comer, porque Jesus ressuscitou, e nós também... O Paraíso será em Deus, abraçado por Deus, haverá prados, céu, flores, riachos, pássaros, mas tudo renovado, tudo lindo... haverá danças, música, haverá encontros de pessoas e cada vez será um novo Paraíso... veremos Deus, veremos Maria... Isso é suficiente para as crianças, mas é preciso fazer o desenho.”

[...] Depois, já que gostaria de começar a ensinar a história do Ideal – embora talvez a conheçam –, mostrar as cenas com desenhos: uma casa desmoronada, um noivo vestido de soldado que morre no campo e uma pessoa chorando sobre os livros porque não pode estudar. Mas é muito triste, então pensei em introduzir um slide quando todos dizemos: Tudo desmorona, tudo acaba, mas Deus permanece: como um sol, então, o desenho, com todas as focolarinas, sete...[...]

Speaker (voz masculina): Chegamos a 1992, o terceiro Congresso internacional Gen 4. Chiara fala aos seus colaboradores mais próximos do Centro Internacional do Movimento sobre a preparação e os efeitos do Congresso Gen 4:

Rocca di Papa (Itália), 1.05.1992 - ao Centro da Obra

Chiara: [...] Gostaria de lhes contar sobre o Congresso Gen 4, que realmente me impressionou, porque é um setor que – como notarão pelos frutos, pelos efeitos – parece ser o melhor. Mas vocês também poderão ver e avaliar. Naturalmente para eles há muita preparação, mas é necessária. [...]

Vou dizer logo algo que me parece especial e que vocês, do Centro da Obra, devem considerar. Primeiro, porque ali as vocações nascem imediatamente. Quando dizem: “Quero me consagrar a Deus”, “Quero ser esposa de Jesus”, “Quero fazer como você”. Percebe-se isso nas

³¹ Chiara Lubich se refere à profunda experiência espiritual que viveu nos anos 1949-50-51. Na história da espiritualidade, muitas pessoas tiveram experiências místicas, inclusive no que diz respeito à realidade do Paraíso. É uma experiência que ela transmitiu aos seus primeiros companheiros, envolvendo-os logo, em primeira pessoa, naqueles mesmos anos de luz. Na passagem aqui relatada, Chiara também transmite aos gen 4, de forma adequada à idade deles, aquela visão particular do Paraíso, compreendida em 1949.

meninas, que são mais maduras do que os meninos, apesar de serem da mesma idade, e também porque espero que daqui a dois anos, quando voltarem, o padre Foresi possa estar presente... (porque) precisam de modelos. Eles veem em mim: "Chiara, como você vive o seu dia?". Depois me escrevem: "Eu quero viver como você". "Como você age nesta situação?". "Quero fazer como você". Precisam de modelos, mas não é o que as pessoas costumam dizer. Ali nascem as vocações, que vocês precisam cultivar, e não as perder... Os meninos precisam dos focolarinos; também das focolarinas, porque no futuro eu não estarei mais aqui, e as focolarinas têm que continuar. Não devem ver apenas um modelo, porque minha história é uma história, mas outros também têm suas histórias, e podem surgir fatos que atraiam os gen 4.

A segunda coisa é que a evangelização é imediata para eles. Ou seja, eles me dizem: "Não vejo a hora de voltar para casa para falar para a escola inteira, para falar para o meu pai, para a minha mãe, para todos os meus colegas. Quero que todos sejam os brotinhos. Você viu, Chiara, quantos brotinhos trouxemos?". São quase 1.200, 1.100... São muitos, e foram eles que os conquistaram! Portanto, a evangelização é imediata, não criam problemas: será se vão entender? Não vão entender?

Outro fato, ligado à evangelização, é a conquista, o número de pessoas conquistadas em proporção às crianças, é muito mais do que as conquistas de outros setores. Não sei, Famílias Novas conquistará um certo número de famílias, e é um dos setores mais ativos. Mas eles conquistam também pequenas multidões.

Outra coisa que os torna – eu diria – focolarinos, mas no sentido ideal da palavra, (é) que dão tudo. Eles também começaram as empresinhas, porque, como nós, querem fazer a Economia de Comunhão. Mas eles não dizem: "Vamos guardar o dinheiro para comprar lápis", não. Eles dão tudo, assim como os primeiros cristãos, sem pensar em guardar nada. Só na Holanda – disseram as focolarinas – eles abriram uma empresinha e dividiram um terço, um terço, um terço: um terço para comprar lápis, esponjas para lavar carros e para os pobres... Por isso eu disse: devo contar a minha impressão aos focolarinos, para que eles assumam... e não digam: ah, é o Sandro, o Opus, a Gerta, que cuidam disso. Esta é a primeira coisa.

[...] Quero falar sobre como se preparar. Eles estão acostumados à televisão, portanto, a ver. E também com coisas rápidas. Ontem, por acaso... vi desenhos animados porque falariam do Zecchino d'oro³², e eu disse: mas aqui não dá para respirar, porque se passa de um desenho a outro... uma agitação... e todos esses heróis. Eles estão acostumados com isso.

Eu me preparei e coloquei coisas que não imaginava que teriam esse sucesso... Fiz toda a minha parte, mas não imaginava a repercussão neles. Um exemplo: para explicar uma coisa, eu contei um episódio – não lhes digo porque vocês irão vê-los –; para explicar uma história, outro episódio. Eu me preparei, procurei duas ou três versões, li bem para ficar de acordo com a história.

32 Festival e concurso musical internacional para crianças, transmitido em um programa especial de televisão. (n.d.t.)

Mas senti que precisava ter muito elementos para fazer uma simulação bonita, algo versátil, com palavras ricas... para que eles tivessem as imagens diante de si. Porque não podem só falar... não entra! Mas assim podem notar os efeitos: extraordinários.

Eu me preparei assim, mas não só eu, também a Gerta e o Sandro, responsáveis pelos gen 4... [...].

Tudo o que eu dizia era projetado como foto ou como desenho. Enquanto eu falava, eles olhavam lá e ficavam impressionados. Tive que me preparar duas ou três vezes, ver a parte mais fácil, a mais difícil, como chegar lá... Não me preparo assim para os outros! Para os outros, só coloco os tópicos das respostas. Para os gen 4, preciso entrar na mentalidade deles: será se vão entender ou não essa palavra? Mas é espontâneo. Percebe-se que é a ação do carisma. Em parte, porque fui professora, mas isso não serve, porque já se passaram cinquenta anos, nem sei quantos. Talvez seja o carisma, e vocês têm que herdá-lo [...]. E os efeitos existem. [...]

“Eu estou com vocês, levando o amor a todos”

Speaker (voz masculina): O olhar de Chiara para cada menino e menina continua ainda hoje, no Movimento dos Focolares, expressão do Carisma da Unidade doado e compartilhado com muitos. Também por meio de nós, Jesus continuará falando a cada menino e menina, chamando-os para levar, com Ele, o amor ao mundo!

Rocca di Papa, 14.6.2007 – mensagem para os Gen 4 ³³

Voz feminina : Queridos Gen 4, vocês são pequenos e são muito amados por Jesus, aliás, são os prediletos Dele. E Jesus colocou no coração de vocês a coisa maior que existe: o Amor. Amem. E quanto mais amarem mais o amor crescerá em vocês. Amem quando estiverem em casa, na escola. Amem os amigos e os inimigos, e o amor invadirá o mundo. Eu estou com vocês, levando o amor a todos. Chiara

³³ C. Lubich, *Mensagem aos Gen4*, publicado em: *Gen4*, n.7-8, julho-agosto-setembro de 2007, p.2